ATELIÊ NO QUINTAL: CONSIDERAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO, ESPAÇOS, LUGARES E TEMPO

ANDRESSA SANTOS MENEZES DA SILVA

RESUMO
O presente trabalho apresenta o projeto pedagógico Ateliê no Quintal, desenvolvido no contexto do ensino fundamental em uma escola pública municipal de São Paulo, com o objetivo de promover um ensino de arte mais significativo, criativo e integrado à natureza. A proposta surgiu a partir da ausência de um espaço físico adequado para as aulas de arte, levando à ressignificação de um jardim interno da escola como ambiente de aprendizagem. Fundamentado em princípios da arte-educação, ludicidade e educação ambiental, o projeto utiliza materiais orgânicos e recicláveis, incentivando práticas sustentáveis alinhadas às diretrizes de ESG e aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). A metodologia adotada baseia-se em práticas pedagógicas ativas, nas quais os estudantes assumem papel protagonista no processo de aprendizagem, participando de atividades como desenho de observação, pintura, colagem e experimentação artística com elementos naturais. Além disso, o projeto dialoga com referenciais teóricos da educação infantil, incorporando aspectos como o brincar, o cuidar e a construção de rotinas, mesmo no contexto do ensino fundamental. Os resultados evidenciam maior engajamento, criatividade e consciência ambiental por parte dos estudantes, bem como o fortalecimento das relações de convivência. Contudo, foram identificados desafios relacionados à gestão do tempo, organização dos espaços e mediação de conflitos em sala de aula. Nesse sentido, destaca-se a importância da atuação docente na construção de estratégias que favoreçam a participação dos alunos e a organização das práticas pedagógicas.

PALAVRAS-CHAVE: arte-educação; ludicidade; educação ambiental; metodologias ativas; ensino fundamental.

INTRODUÇÃO

O projeto Ateliê no quintal surgiu como uma necessidade de explorar espaços diferenciados no ambiente escolar. Devido a chegada de materiais como tintas, instrumentos musicais e giz pastel, ficou inviável levá-los de sala em sala numa unidade escolar com muitas escadas e sem elevador. A solução encontrada foi utilizar um local inusitado: O jardim interno, construído inicialmente como cantinho da leitura, o espaço em si ficou abandonado durante muitos anos. Além de sanar os problemas de locomoção de materiais, já que os estudantes se locomovem, o local trouxe um elemento importante: o contato com a natureza. A maioria das crianças, numa cidade grande como São Paulo, não tem contato com a natureza de forma regular. Eles costumam brincar em casa com brinquedos e equipamentos eletrônicos, ou na rua- o que costuma ser perigoso atualmente em centros urbanos. E dentro das escolas, a maioria do tempo eles ficam em locais fechados, excerto na hora de brincar no parque ou nas aulas de educação física. Barros afirma que:

O distanciamento atual entre as crianças e a natureza emerge como uma importante crise do nosso tempo. Especialmente no contexto urbano, independentemente do tamanho da cidade, o mundo natural tem deixado de ser visto como elemento essencial da infância. As consequências são significativas: obesidade, hiperatividade, déficit de atenção, desequilíbrio emocional, baixa motricidade - falta de equilíbrio, agilidade e habilidade física - e miopia são alguns dos problemas de saúde mais evidentes causados por esse contexto. Além destas, diversas consequências menos reconhecidas também fazem parte desse cenário. (BARROS, Maria I. Amando de. Desemparedamento da infância).

O consumo excessivo de telas resulta num menor tempo de atenção das crianças e isso prejudica o rendimento escolar, além das outras consequências citadas pelo autor. A escola tem o papel de problematizar e reverter esse cenário, proporcionando a aprendizagem e a socialização em espaços diferenciados. Barros conceitua em seu livro: Desemparedamento da infância, uma educação que trabalhe mais ao livre, dentro de parques, jardins, hortas e pátios desen-

volvendo os estudantes de maneira integral e envolvendo todas as dimensões do ser humano: cognitiva, física, emocional, social e cultural. Ou seja, é um posicionamento pedagógico que busca superar os paradigmas da separação entre mente e corpo. Logo, os estudantes aprendem através do movimento, da interação e na hora de brincar. Ou seja:
O contato com a natureza possibilita a autonomia e desenvolve a criatividade das crianças. Quando trazemos o ambiente externo atrelado ao contexto escolar, por meio de uma intencionalidade pedagógica que promova a conexão com os elementos da natureza e o contato com diferentes materiais, contribuímos para uma educação que busca o "desemparedamento da infância" (BARROS, Maria I. Amando de. Desemparedamento da infância).

DESENVOLVIMENTO
Na área educacional existem inúmeros temas importantes e merecedores de estudos aprofundados, afinal, o conhecimento possui infinitas formas de se consolidar na aprendizagem dos estudantes. Porém, como professora de arte da rede pública, existem assuntos e problemas específicos que promovem inquietações. Foram elas que me levaram a iniciar o projeto Ateliê no Quintal, metodologia didática que se relaciona muito com o ESG- Práticas Ambientas e de Gestão na área de Educação. Além disso, ao desenvolver esse projeto no âmbito da disciplina Projeto de Experiencia, farei as relações de uma prática pedagógica pessoal com o conteúdo da pós-graduação em educação infantil em andamento.
Ateliê no quintal é uma prática pedagógica que começou a ser desenvolvida no ano de 2024 na EMEF José Maria Whitaker, localizada na Diretoria de ensino de São Mateus, zona leste de São Paulo. A unidade abriga turmas do ciclo I e II no período da manhã, o ciclo II e III no período da tarde, e a noite a Educação de Jovens e Adultos. Apesar da estrutura da unidade ser grande, ela não possui uma sala ambiente para a disciplina de Arte, e por conta desse problema de espaço físico surgiu a ideia de utilizar um dos cantinhos de leitura da escola, que também é um jardim interno. Esse espaço conta com uma grande árvore de eucalipto e 4 mesas de concreto em torno. O cerne do projeto é a utilização de locais diferenciados da escola de forma lúdica, por isso o nome de Ateliê no quintal.
O conceito de quintal remete a uma área aos fundos de uma casa, que geralmente possui árvores, plantas e hortas, e se constitui como um espaço de brincadeiras e diversão para as crianças. Portanto a ideia é trazer esses conceitos para o ambiente escolar, trazendo a afetividade e a segurança que uma casa possui, além de proporcionar um quintal, onde os estudantes possam aprender de forma lúdica. Esse conceito também remete a relação das crianças com a natureza, contato que está cada vez menos presente no cotidiano das grandes cidades e que será retomado pelo projeto. Logo, as áreas de pesquisa envolvidas são: arte educação, natureza e ludicidade.
Já o ateliê diz respeito ao espaço físico onde os artistas trabalham. É um lugar de experimentação de técnicas, materiais, também de estudo, construção e planejamento. É como um laboratório para os cientistas ou um centro de treinamento para os esportistas. Pressupõe um ambiente educativo onde os estudantes atuam como protagonistas, seres dotados de capacidade criativa, que podem ocupar seu espaço no mundo como autores de arte.
O projeto foi pensado inicialmente para suprir uma necessidade de espaço e de gestão educacional. O objetivo era tornar possivel a utilização da tinta, e dos outros materiais que foram entregues pela PMSP- Prefeitura Municipal de São Paulo, e com o acréscimo de um agravante: o tempo reduzido de aulas semanais (uma aula de 45minutos por semana, em cada turma da escola). Porém, com a utilização do espaço do jardim, a proposta ganhou outra proporção. Pois esse projeto atua com a ESG- Práticas Ambientas e de Gestão na área de Educação, ao propor a reflexão e atuação sobre a natureza e a ressignificação dos espaços escolares.
O ponto chave do Ateliê no quintal é a utilização dos recursos orgânicos das árvores e plantas da unidade escolar de forma sustentável. Dessa forma, folhas, gravetos, pedrinhas, cascas de arvore e afins, serão usados em pinturas, desenhos, colagens e esculturas. Sempre conscientizando os estudantes a utilizar as folhas e galhos caídos, evitando desmatamentos e danos aos vegetais

da escola. Fora isso, outro conteúdo é a fabricação de obras de arte e brinquedos infantis de forma artesanal pelos estudantes a partir de materiais reciclados, visando a conscientização da importância da reciclagem para a preservação ambiental. Logo, essa metodologia utiliza alguns preceitos das ODS Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, como: Educação de qualidade, Cidades e Comunidades Sustentáveis, Consumo e Produção Responsáveis e Vida Terrestre.

A importância dessa temática vem do meu próprio trabalho como artista, pois possuo o hábito de desenhar árvores e plantas de observação. Além de já ter feito esculturas com materiais orgânicos e com materiais reciclados. Tais materiais possuem uma poética própria, e despertam a curiosidade, a imaginação e a "invencionática" palavra criada pelo Poeta Manoel de Barros, uma das referências artísticas-literárias do projeto. Barros foi antes de tudo um pesquisador da infância, o mesmo recolhia frases e comportamentos infantis e os registrava em seus caderninhos, e eles eram a essência de seu trabalho como escritor. Para ele, o olhar infantil é algo único, pois as crianças enxergam o mundo com um brilho no olhar, o brilho de quem conhece o mundo pela primeira vez. Logo tudo é incrível, grande, colorido e divertido. E a necessidade de explorar e criar coisas nesse mundo é algo irresistível para os pequenos. Coisas que para nós adultos são insignificantes, para a criança é algo muito especial, muito maior a seus olhos pequeninos. Nesse caso:

Não gosto das palavras/fatigadas de informar./ Dou mais respeito/às que vivem de barriga no chão/tipo água pedra sapo./Entendo bem o sotaque das águas/ Dou respeito às coisas desimportantes/e aos seres desimportantes./Prezo insetos mais que aviões./ Prezo a velocidade/ das tartarugas mais que a dos mísseis./ Tenho em mim um atraso de nascença./ Eu fui aparelhado/para gostar de passarinhos./Tenho abundância de ser feliz por isso./Meu quintal é maior do que o mundo./ Sou um apanhador de desperdícios:/ Amo os restos;/como as boas moscas;/ Queria que minha voz tivesse um formato de canto;/ Porque eu não sou da informática:/ eu sou da invencionática;/ Só uso a palavra para compor meus silêncios. (BARROS, Manoel. O apanhador de desperdícios).

Os objetivos do Ateliê no Quintal são contribuir para uma infância mais ligada a natureza, a sujar os pés de barro, a pegar pedrinhas, criar brinquedos a partir de folhas e de restos, lixos da sociedade capitalista. É estimular a escuta dos passarinhos, ouvir o som do vento, desenhar a sombra das árvores, conversar enquanto desenha ou pinta. É humanizar as aulas de arte, sair dos livros didáticos e investir numa prática artística. Outras metas são promover a conscientização ambiental e a criticidade dos estudantes. Estimular: a imaginação, a exploração dos materiais e técnicas disponíveis, a leitura (interpretação) de imagens, promover aperfeiçoamento na coordenação motora fina das crianças através do trabalho artesanal. Além de trazer referencial artístico e cultural de outros artistas e escritores.

A reflexão sobre a utilização dos espaços e ambientes, da natureza e das implicações das práticas sociais e de gestão se torna cada vez mais relevante no cenário educacional, pois através delas realizamos a humanização e significação das aprendizagens. As metodologias ativas, estão cada vez mais populares, buscando a participação efetiva dos estudantes, e para isso, devem existir ambientes propícios. E tais reflexões nas unidades escolares promovem mudanças sociais dentro e fora da escola.

Talvez os leitores estejam se perguntando qual a relação desse tema específico com a pós-graduação de Educação infantil, pois a disciplina de arte se insere a partir do ensino fundamental. Uma das motivações para ingressar nessa especialização é o trabalho que desenvolvo com o primeiro e segundo ano do ensino fundamental no âmbito da disciplina de arte. São crianças de 6 a 8 anos que acabaram de sair da Educação Infantil. Com a implementação do ensino de 9 anos, os estudantes de 6 anos passaram a frequentar escolas de ensino fundamental, muitas delas sem estrutura física para atender crianças dessa faixa etária. Os casos de inadequação do espaço vão desde a falta de cadeiras na altura certa, até a falta de brinquedotecas e parquinhos.

[...] é primordial organizarmos contextos significativos para as crianças também nos espaços externos, onde elas pos-

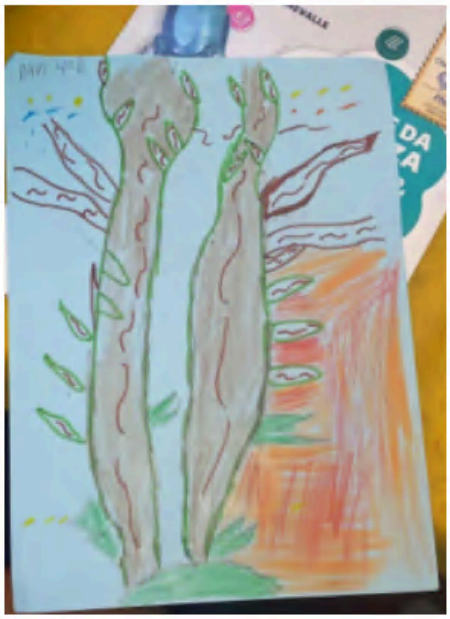
sam colocar-se em relação umas com as outras e sintam-se desafiadas a interagir com diferentes materiais, legitimando o princípio de que todos os espaços são potencialmente promotores da brincadeira e da interação. (Roteiro de estudos. Ação pedagógica na Educação Infantil).
Felizmente, a minha unidade escolar não possui esse problema. Contamos com parquinho em um dos jardins, além de brinquedoteca. Embora exista essa preocupação com o ambiente escolar, a transição para o ensino fundamental acontece de forma abrupta, tendo pouco ou nenhum tempo para brincadeiras e jogos. Outra questão é a possibilidade de aplicar os conceitos da educação infantil dentro das outras séries de ensino fundamental I que trabalho. Elas se constituem de: 4 turmas de primeiro ano, 5 turmas de segundo, 4 turmas de terceiro e quartos anos, e uma turma de 5° ano do fundamental, totalizando 18 salas e 540 estudantes. Além disso: como manter um ensino de arte humanizado, de forma a valorizar as subjetividades das crianças, levando em conta o número de alunos atendidos e o tempo reduzido de aula?
Outras questões são: Até que ponto as aulas de arte podem utilizar dos recursos lúdicos, estimulando a exploração e a curiosidade, enfatizados na educação infantil? Quais seriam os benefícios e os malefícios? Como realizar aulas de arte de forma a proporcionar liberdade criativa sem perder a autoridade e a gestão de sala de aula? Qual a importância de resgatar as culturas da infância no ensino fundamental?
Outros problemas logísticos residem na utilização eficiente dos materiais e técnicas, e a gestão de sala de aula para os momentos de: Preparação dos materiais e explicação; Produção artística; Reorganização da sala de aula e encerramento. Além de proporcionar um ensino teórico para enriquecimento cultural. Nesse sentido, qual pode ser o papel dos estudantes? Eles devem ajudar em todas as etapas de organização da aula, e ao mesmo tempo? É errado pedir a colaboração dos estudantes em questões de limpeza? Como fazer uma gestão equilibrada de todas essas etapas e conteúdos?
O projeto iniciou-se no mês de abril, período de minha chegada na unidade escolar. Desde o primeiro dia estava decidida a realizar um trabalho diferenciado que saísse dos livros e cadernos, e desse espaço para a minha própria criatividade enquanto arte educadora e artista. E consequentemente, estimulasse a imaginação dos estudantes. O que me chamou a atenção quando adentrei a EMEF José Maria Whitaker no dia 10 de abril foi o jardim interno com sua imensa Árvore de Eucalipto. Alguns dias depois, retornei com um caderninho e uma aquarela, e fiz um desenho de observação do jardim e a partir disso, comecei a conversar com alguns funcionários da unidade que quiseram ver o que eu estava desenhando. Comentei que gostaria de usar as folhas com os estudantes, e que um dia queria levá-los até o jardim para fazer uma atividade. Vários funcionários gostaram da ideia, e alguns até separaram folhas caídas do eucalipto. Foi com esse material orgânico que realizei a primeira tarefa do que seria o projeto Ateliê no jardim: O desenho de observação das folhas secas do Eucalipto. Isso foi realizado em sala de aula, com os cadernos de desenho tradicionais. O ato de observar com atenção e tentar reproduzir, é uma técnica de arte tradicional, base para uma arte que retratava a realidade de forma técnica-científica e que remonta a época do renascimento. Apesar da arte não representar mais o mundo de forma fidedigna, o desenho de observação ainda é uma estratégia de ensino de desenho, utilizada em cursos e universidades de artes. Por fim, os estudantes puderam expressar suas subjetividades nas formas de representar as folhas, que eram diferentes entre si.
A segunda atividade do projeto foi desenhar a árvore de observação. Os estudantes se sentaram nos bancos de concreto de frente para o eucalipto e fizeram a representação de forma autoral. A partir disso, algumas crianças realizaram colagens com as folhas, terra e pedrinhas retiradas do local, outras usaram canetinhas, giz de cera, lápis de cor, e outros materiais.
A terceira atividade consistiu em uma colagem propriamente dita, utilizando o material orgânico do jardim. A ideia era utilizar as folhas para criar outros tipos de desenho. Ou seja, ressignificar o papel social da folha de árvore, e fazer com que ela se transforme em outros objetos como: Brincos, o nariz de um persona-

gem, a calda de um animal, um vestido, a roda de uma bicicleta, o corpo de um inseto, tudo o que a mente puder imaginar.
A quarta atividade, partiu do estudo teórico das pinturas do artista Van Gogh, e a posterior criação de desenhos de paisagem pelas crianças. Uma aula foi destinada a estudar as pinturas do artista e o esboço dos desenhos autorais. E na semana seguinte eles pintaram os esboços com tinta guache no espaço do jardim. Realizei essa dinâmica apenas com os estudantes do terceiro ao quinto ano. Pois imaginei as dificuldades de trabalhar com tinta com as crianças pequenas dentro de um período muito curto de aula. Os receios foram: os alunos menores colocarem a tinta na boca, deles sujarem todo o corpo de tinta e não dar tempo de levar eles ao banheiro para se lavarem, dentre outras preocupações. Porém, mesmo levando os alunos maiores, tive diversos problemas: indisciplina, muito barulho, brigas, potes de água sendo derramados em cima das pinturas, falta de espaço para secar os trabalhos. Além disso, fiquei um tempo a mais do meu horário de trabalho para arrumar e limpar o espaço depois.
O tempo é um aspecto presente em muitos dos meus questionamentos, pois existe a limitação de 45minutos semanais por turma para desenvolver o projeto do Ateliê no Quintal. Além disso, existe também o tempo de locomoção. Quando realizo atividades em sala de aula comum, devo me dirigir a salas diferentes de 45 em 45 minutos. Fora isso, o horário das turmas está bem desorganizado. Tenho que ir do primeiro ao quarto, do quarto ao segundo, do segundo ao primeiro, e do primeiro ao terceiro (exemplo de um dia de trabalho), e essas salas ficam em alas e andares diferentes da escola. É uma verdadeira maratona. E existe o tempo de deslocamento das crianças quando realizo as atividades fora da sala de aula. Ou seja, o tempo cronológico não colabora em nada com o andamento das minhas práticas pedagógicas. O que fazer então? O que resta é tentar ressignificar o tempo cronológico que me foi dado e transformá-lo de cronos para Kairós.
A relação antagônica entre os mitos gregos de Chronos e Kairós serve simultaneamente de imã e catalisador para a pergunta sobre os limites dos tempos particular e partilhado. Enquanto Chronos é a personificação do tempo calculado, aquele subordinado ao relógio e do qual não conseguimos fugir facilmente, Kairós é a qualidade do tempo vivido. Kairós é o tempo oportuno, que faz um acontecimento ser especial, memorável, não em seus números, mas em sua significância. (PEDRONI, Fabiana. Chronos e Kairós: determinações poéticas para o tempo vivido. Página 246. 2013).
Logo, o tempo kairós é onde se realizam atividades significativas. Acredito que isso tem sido feito dentro do projeto ateliê no quintal. Pois o ato de sair da sala de aula tradicional já se configura um evento inesquecível para os estudantes do ensino fundamental. Além disso, a utilização dos materiais, a liberdade criativa que é estimulada, e a convivência dos estudantes enquanto eles produzem suas obras, fazem a aula de arte ser prazerosa. E esse divertimento remete a brincadeira:

Para Piers e Landau (1990, p.43), "o brincar desenvolve a criatividade, a competência intelectual, a força e a estabilidade emocionais, sentimentos, sentimentos de alegria e prazer: o hábito de ser feliz!" proporciona alegre e divertimento à medida que cria uma atitude alegre em relação à vida e à aprendizagem. (SANTOS, Cristiane. Costa, Lucinalva. MARTINS, Edson. Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia das Faculdades OPET, dez, 2015, p.83).

A convivência é um aspecto principal do projeto, pois as crianças têm um impulso muito grande de mostrar seus desenhos e ideias aos colegas, além de uma necessidade inexplicável de pedir materiais emprestados e de conversar enquanto desenha. Em cada sala a convivência se apresenta de formas diferentes. Algumas turmas têm o costume de brigar muito entre si, outras tem uma mania de conversar mais e desenhar de menos. E algumas poucas, possuem um equilíbrio entre a convivência e a produção. Nas salas com a convivência mais difícil, existe um papel muito importante do professor em mediar os conflitos. Porém esses, podem acabar roubando o tempo que poderia ser usado para a produção dos trabalhos. Existem dias que a aula

passa a ser mais sobre as regras de convivência, do que sobre a arte em si. Para não gerar frustrações futuras, preciso entender que cada turma tem um perfil, e um tempo. Não posso querer impor um ritmo e um tempo aos alunos. O que posso fazer é apenas mediar e planejar as aulas o melhor possível. O papel de mediação do professor de arte ocorre em todas as turmas, mesmo naquelas onde os desentendimentos são menos



Fonte: compilação do autor

Colagem com folhas e pedras

Figura 3- Realização da colagem



Fonte: compilação do autor

Figura 4- Colagem finalizada



Fonte: compilação do autor

Pinturas em grandes escalas

Figura 5- Alunos pintando em grupos



Fonte: compilação do autor

Figura 6- Pinturas finalizadas



Fonte: compilação do autor

CONCLUSÃO

A organização dos tempos e dos espaços nas aulas do projeto é um desafio permanente. A Secretaria Municipal de Educação pode um dia aumentar o número de aulas de arte no ensino fundamental I, bem como, pode cortá-la do currículo dos anos iniciais. Ministrar essa disciplina da melhor forma possível é um posicionamento político. Uma educação pública de qualidade é aquela que forma as crianças de maneira integral, e leva em conta suas subjetividades e autonomia.

Para auxiliar nessa organização, os estudantes serão convidados a participar. Haverá um revezamento entre eles para ajudar. Além disso, falarei sobre a importância de cada um contribuir para a limpeza. Afinal de contas, todos somos responsáveis pela nossa própria sujeira. A conscientização desse aspecto será realizada através dos conceitos das pedagogias ativas, onde o aluno é protagonista de sua aprendizagem. Bem como, a utilização das Competências socioemocionais da BNCC como: responsabilidade, organização, curiosidade para aprender, interesse artístico, iniciativa social, entre outros. As aulas devem ser feitas junto com os estudantes, e não para eles. A partir do momento que as salas se mobilizarem, as aulas de arte acontecerão de maneira mais organizada, e minha sobrecarga de trabalho irá diminuir. Tal mobilização só acontece se houver uma rotina de trabalho. Através da repetição das regras e da organização dos materiais, os estudantes entenderão o que devem fazer para ajudar. A rotina é algo fundamental que deve ser aplicada. Acredito que isso solucionará vários problemas levantados ao longo do trabalho.

A rotina é algo muito forte na Educação infantil. É um sistema de organização que permite separar os horários de comer, brincar, dormir e ir ao parquinho. Mais do que isso, é uma forma da criança pequena se habituar àquele ambiente de aprendizagem. Porém esse conceito se perde muito no ensino fundamental. Nessa etapa da educação, a rotina se resume a escrever a ordem das disciplinas na lousa. Outro conceito fundamental dessa etapa do é o Brincar. Ele está diretamente ligado à exploração do mundo e dos materiais, algo presente na disciplina de Arte. O último pilar da educação infantil é o Cuidar. Ele pode ser transposto para meu contexto como professora de arte do ensino fundamental a partir do momento em que prezo pela saúde e bem-estar físico e emocional das crianças que atendo. Também reside na mediação dos conflitos, e na escuta. Como estudante da especialização em Educação Infantil, espero aplicar os conhecimentos teóricos a minha prática docente, mesmo atuando com outra faixa etária.

REFERÊNCIAS

COCITO, Renata e MARIN, Fátima. Espaço e ambiente escolar e o conceito de lugar: o que disseram as pesquisas. Colloquium Humanarum, vol. 14, n. Especial, Jul-Dez, 2017. Disponível em: https://www.unoeste.br/site/enepe/2017/suplementos/area/Humanarum/4%20-%20Educa%C3%A7%C3%A3o/ESPA%C3%87O%20E%20AMBIENTE%20ESCOLAR%20E%20O%20CONCEITO%20DE%20LUGAR%20O%20QUE%20DISSERAM%20AS%20PESQUISAS.pdf. Acesso em: 28 maio. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular (BNCC): Educação é a base. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/ . Acesso em: 28 maio. 2024.

MOURA, Gislaine. Cuidar, Educar e Brincar: Refletindo sobre a organização do trabalho pedagógico na educação infantil. IV Jornada de Didática III Seminário

de Pesquisa do CEMAD. Jan-Fev de 2017.

SANTOS, Cristiane. COSTA, Lucinalva. MARTINS, Edson. A prática educativa lúdica: uma ferramenta facilitadora na aprendizagem na educação infantil. Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia das Faculdades OPET. Dez. 2015.

PEDRONI, Fabiana. Chronos e Kairós: determinações poéticas para o tempo vivido. Revista do Colóquio de Arte e Pesquisa do PPGA-UFES, ano 4, v.3,n. 6, junho 2014. Disponível em: https://periodicos.ufes.br/colartes/article/download/7724/5526/18097.Acesso em: 26 maio. 2024.

Revista Sesc de Arte Educação [recurso eletrônico] / Serviço Social do Comércio do Rio Grande do Sul. Vol. 1, n. 1 (set. 2021) -. Porto Alegre: Sesc RS, 2021-. Disponível em: https://www.sesc-rs.com.br/wp-content/uploads/2017/06/revista_arte_educacao_FINAL.pdf Acesso em: 23 de março de 2026.

BARROS, Maria Isabel Amando de (Org.). Desemparedamento da Infância: a escola como lugar de encontro com a natureza. 2. ed. Rio de Janeiro: Alana, 2018. Disponível em: https://criancaenatureza.org.br/pt/acervo/desemparedamento-da-infancia/